

O TRABALHO E AS MIGRAÇÕES NA ENVOLVENTE DA COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE GUIMARÃES: OPERÁRIOS, CAMPONESES E “VENDEIROS”

por

Mariana Rei¹

Resumo: Neste artigo procuro perceber de que forma a fixação e mobilidade geográfica e a especialização e adaptabilidade profissional são articulados enquanto formas de “melhorar a vida” na envolvente de uma antiga fábrica têxtil do concelho de Guimarães. Atendendo à complexidade das relações familiares e laborais que daqui derivam, procurarei questionar de que forma as estratégias adotadas nas suas trajetórias profissionais e migratórias acompanham a diversidade de situações familiares e de classe a nível local. Considerando que se trata de um contexto de industrialização difusa, atenderei sobretudo às comparações com o mundo camponês, ao nível de continuidades e mudanças com o mundo operário.

Palavras-chave: Migrações; Indústria; Classes sociais.

Abstract: In this paper, I try to understand how fixation and geographic mobility, as well as specialization and professional adaptability, are articulated as ways to “improve life” in the surroundings of an old textile factory in the municipality of Guimarães. Given the complexity of the family and labour relations that emerge here, I aim at questioning how the strategies adopted in their professional and migratory trajectories accompany the diversity of family and class situations at the local level. Considering that this is a context of diffuse industrialization, I will attend especially to the comparisons with the peasantry, in terms of continuities and changes with the working-class world.

Keywords: Migrations; Industry; Social classes.

Este texto apresenta algumas reflexões de uma pesquisa de Doutoramento em curso, na área de Antropologia – especialização em Poder, Resistência e Movimentos Sociais, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de

¹ Mariana Rei é investigadora integrada no Instituto de História Contemporânea, onde desenvolve um projeto de doutoramento intitulado *Das capitais do têxtil às capitais da cultura: classes, património e (i) mobilidades no contexto Guimarães-Lille* (SFRH/BD/116838/2016), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Durante a sua estadia em França, é ainda acolhida no Centre de Recherches Historiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Esta pesquisa integra ainda, desde janeiro de 2020, o projeto “FAILURE: Reversing the Genealogies of Unsuccess, 16th-19th Centuries” (H2020-MSCA-RISE, Grant Agreement: 823998).

Lisboa (FCSH-UNL). Decorre de algumas considerações introduzidas, inicialmente, numa comunicação apresentada na *Conferência Internacional Memória Cultura e Devir: Estudos Aprofundados em Ciências Sociais*, que decorreu entre 10 e 12 de maio de 2018 na FCSH-UNL em Lisboa².

Articulando alguns aspetos que se têm tornado relevantes ao longo do trabalho de campo com a revisão de literatura específica sobre o contexto e temáticas relacionadas, procuro perceber de que forma o recurso a estratégias como a fixação e mobilidade geográfica e a especialização e adaptabilidade profissional são articulados no terreno em estudo enquanto formas de “melhorar a vida” num contexto de industrialização difusa. Atendendo à complexidade das relações familiares e laborais que daqui derivam, procurarei questionar de que forma as estratégias adotadas nas suas trajetórias profissionais e migratórias acompanham a diversidade de situações familiares e de classe a nível local. Considerando a industrialização difusa e a importância histórica das relações de trabalho agrícolas neste contexto, o que se reflete na principal produção antropológica produzida sobre o noroeste português, atenderei sobretudo às comparações com o mundo camponês, ao nível de continuidades e mudanças com o mundo operário.

Recorro, para tal, a um levantamento de utentes realizado em janeiro de 2018 no Centro de Dia do Centro Social e Recreativo de Campelos, localizado em S. João de Ponte, freguesia marcada desde finais do século XIX pela instalação da antiga Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães³ no lugar de Campelos, e por diferentes vagas migratórias. Esta análise é articulada com os relatos de um agricultor residente e feirante em Roubaix, oriundo de S. João de Ponte, o único informante com que contactei até ao momento que acumulou, de forma continuada ao longo da vida, o trabalho na agricultura e na fábrica, pertencendo a uma família de lavradores.

Trata-se, nesta fase, de uma primeira abordagem exploratória da problemática em estudo, num momento em que me encontro no final de um primeiro período de trabalho de campo continuado (que decorreu entre setembro de 2017 e outubro de 2018, no concelho de Guimarães e, posteriormente, em Roubaix e Tourcoing, em França), não tendo sido iniciada ainda a análise sistemática do material recolhido.

Estas reflexões procuram, sobretudo, informar uma delimitação progressiva da problemática, e neste sentido opto aqui, num primeiro ponto, por um maior desenvolvimento do enquadramento da pesquisa em detrimento da caracterização

² Comunicação intitulada “(E)migrar para ‘melhorar a vida’ num contexto industrializado do Vale do Ave. Algumas pistas para reflexão”.

³ Para uma apresentação mais detalhada da história da Companhia, ver José Manuel Lopes Cordeiro, “Indústria e energia na Bacia do Ave (1845-1959)”, *Cadernos do Noroeste, História*, 15, 1-2 (2001): 57-174.

mais detalhada do terreno⁴. No segundo ponto são articuladas algumas leituras tendo em vista um enquadramento analítico e a aproximação ao contexto alargado de estudo. Num terceiro momento procuro desenvolver algumas reflexões a partir de uma primeira aproximação de terreno, concluindo depois com algumas notas finais.

ENQUADRAMENTO DA PESQUISA: TEMA, PROBLEMA, OBJETO E MÉTODO

A pesquisa centra-se no estudo das memórias do trabalho e das migrações na indústria têxtil no noroeste português, atentando em particular à vaga migratória dos anos 1960 e 70 de algumas freguesias do concelho de Guimarães, no noroeste português, em direção a Roubaix e Tourcoing, no nordeste francês. Desenvolve-se em torno de dois objetivos específicos. Procura, por um lado, refletir sobre as subjetividades e vivências da classe operária num contexto de industrialização difusa; e, por outro, analisar o caso particular da emigração especializada entre duas regiões industriais têxteis, em relação ao quadro geral da emigração portuguesa deste período para França, marcado pela particularidade do processo de urbanização português, onde o êxodo rural se deu, em grande medida, diretamente para o estrangeiro⁵.

Toma-se como objeto central do estudo famílias de antigos operários do setor têxtil oriundas de S. João de Ponte e algumas freguesias limítrofes, e que emigraram ou se encontram emigrados em Roubaix e Tourcoing, na zona de Lille, no norte de França. Consideram-se, de forma complementar, outros grupos socio-profissionais dentro da indústria têxtil e outras vagas migratórias ligadas ao setor têxtil nas freguesias em estudo (migrações internas, antigas colónias, outros países europeus). Bem como o contacto pontual com trabalhadores de outros setores de atividade residentes no contexto em estudo, e segundas e terceiras gerações de emigrantes. E, finalmente, moradores na envolvente da(s) fábrica(s), e representantes de instituições locais.

⁴ Para uma caracterização mais detalhada do terreno ver Mariana Rei, “Classes, Património, (i)Mobilidades. Notas sobre uma pesquisa em curso no Vale do Ave (Portugal)”, in *Conference Proceedings/Anais: 18th IUAES Word Congress/18.º Congresso Mundial de Antropologia*, organização de Miriam P. Grossi, Simone Lira da Silva *et al.*, vol. 3, 4281-90 (Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018).

⁵ Manuel Villaverde Cabral, “Classes Sociais em Portugal, 1930-197”, in *Dicionário de História de Portugal*, edição de António Barreto e Maria Filomena Mónica, 328-337 (Porto: Livraria Figueirinhas, 2000).

O trabalho de campo segue uma “estratégia múltipla”⁶ que articula a história oral com entrevistas semiestruturadas, inquéritos de levantamento de vizinhos e em instituições locais, genealogias temáticas, observação e observação participante, e conversas informais. Será feita também uma recolha de dados e de material de arquivo, visando o levantamento de dados quantitativos e qualitativos que sustentem a caracterização socioeconómica da população em estudo; a descrição técnica das principais fábricas que cruzam os percursos profissionais dos informantes; a contextualização histórica e caracterização das condições de trabalho e migratórias nos contextos e período em estudo (a nível local, regional e nacional), e suas transformações ao longo do tempo. Este trabalho será feito mediante a articulação de revisão de literatura com a consulta de fontes primárias, quando se justifique.

ENQUADRAMENTO ANALÍTICO E APROXIMAÇÃO AO CONTEXTO EM ESTUDO: FAMÍLIA, CAMPE SINATO E MIGRAÇÕES EM ZONAS DE INDUSTRIALIZAÇÃO DIFUSA

Esta pesquisa teve, inicialmente, como ponto de partida uma dupla questão, informada pelo meu trabalho de mestrado, que se centrou noutra concelho localizado no Vale do Ave⁷. Questionava-me, nessa altura, porque é que a memória forte em torno da antiga fábrica então estudada não se traduz, localmente, numa apropriação destes espaços? Num segundo plano, em que medida os fenómenos de mobilidade (ao nível das migrações e transferências de tecnologia e conhecimento) que marcam a história industrial deste contexto contribuem para entender esta ambiguidade?

No decurso da primeira fase de trabalho de campo, centrada no lugar de Campelos, em S. João de Ponte (Guimarães) e algumas freguesias limítrofes, notava como a fábrica e o espaço doméstico se revelam, na verdade, como dispositivos importantes e indissociáveis na compreensão destas questões. Por um lado, a casa do emigrante, construída de raiz e como um espaço novo, surge como sinal exterior de ascensão social, e do ultrapassar da dureza associada ao trabalho, que o espaço da fábrica representa. Por outro, o espaço doméstico sobrepõe-se frequentemente, neste contexto, com o local de trabalho, o que poderá contribuir para uma certa invisibilização da esfera do trabalho tanto nos relatos de vida dos trabalhadores-migrantes

⁶ Robert G. Burgess, *In the Field: An Introduction to Field Research* (London: Routledge, 2002).

⁷ Mariana Rei, *Do operário ao artista: uma etnografia em contexto industrial no vale do Ave* (Lisboa: Le Monde Diplomatique – Edição Portuguesa, Deriva, 2016).

como nos discursos oficiais. Esta questão tornou-se visível pelo uso frequente da expressão “melhorar a vida” como principal motivação do percurso migratório e de vida destes migrantes, associada por norma à possibilidade de ter casa própria. A compra de terra e (re)construção de casas constitui-se, conforme refere Pina Cabral, como uma estratégia tipicamente camponesa, sendo a posse da terra um importante indicador da riqueza e prestígio local, mesmo após as transformações do mundo rural nos anos 1960 em Portugal⁸. Perante isto, importa questionar: o que significa especificamente a expressão “melhorar a vida”, neste contexto?

Por um lado, a implantação da indústria têxtil no Vale do Ave decorre de uma longa ligação ao trabalho agrícola (não só pela densidade populacional, como pelo saber fazer ligado à manufatura do linho, entre outros), o que parece traduzir-se, entre outros, na forma como o imaginário local continua a ser marcado, em parte, por uma “visão do mundo camponesa”⁹. Por outro, a implantação da indústria introduziu algumas especificidades próprias do mundo operário, que derivam da sua presença de forma continuada ao longo de mais de um século neste contexto, marcando sucessivas gerações familiares e também diferentes vagas migratórias. A emigração constitui-se como um fenómeno historicamente incontornável na sociedade portuguesa, em particular no norte do país, rural e densamente povoado¹⁰. Contudo, se no noroeste português, este processo tem sido estudado sobretudo no quadro das sociedades camponesas, a análise das suas configurações particulares no mundo operário encontra-se, em larga medida, por estudar.

Na análise da produção antropológica sobre o noroeste português, um importante corpo de estudos se destaca, desenvolvido sobretudo nas décadas de 1970 e 80 em torno de três problemáticas principais: família, campesinato e migrações¹¹. No Vale do Ave, região marcada desde meados do século XIX pela implantação da indústria têxtil, estas questões têm sido tratadas de forma continuada sobretudo pela sociologia. Nos anos 1990, Karin Wall analisa as múltiplas formas de organização da vida familiar no Vale do Ave, e o modo como esta diversidade acompanha a complexidade das situações de classe e de relação com a terra e a propriedade, a partir do estudo de duas freguesias “semi-industrializadas” do concelho de Vila Nova de Famalicão. Em *Famílias no Campo* a socióloga analisa de forma

⁸ João de Pina Cabral, *Filhos de Adão, filhas de Eva: a visão do mundo camponesa do Alto Minho*, 44 e 51 (Lisboa: Dom Quixote, 1989).

⁹ Pina Cabral, *Filhos de Adão, filhas de Eva*.

¹⁰ Pina Cabral, *Filhos de Adão, filhas de Eva*, 39.

¹¹ Entre outros, Caroline B. Brettell, *Homens que partem, mulheres que esperam: consequências da emigração numa freguesia minhota* (Lisboa: Dom Quixote, 1991); Colette Callier-Boisvert, *Soajo, entre migrations et mémoire: études sur une société agro-pastorale à l'identité rénovée* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999); Pina Cabral, *Filhos de Adão, filhas de Eva*, 1989.

detalhada a profunda complexidade da sociedade camponesa antiga, bem como as suas transformações durante o século XX, sobretudo com a industrialização e a emigração massiva dos anos 1960 e 70 para o contexto europeu. As relações de trabalho agrícola e de ligação com a terra da sociedade camponesa antiga criaram uma estrutura social extremamente complexa, que se reflete ao nível da composição e dinâmicas familiares. Karin Wall apresenta três principais dinâmicas familiares na sociedade rural antiga: os camponeses ricos, que procuram “segurar a vida” através de uma dinâmica familiar que designa de “fortificada”, que visa sobretudo a sucessão do património e da unidade de produção; os camponeses pobres, que procuram “organizar a vida” através de uma dinâmica familiar “solidária”, visando sobretudo a sua reprodução, garantido o trabalho e a subsistência; e os jornaleiros agrícolas, que têm de “ir à vida”, aproveitar as oportunidades que surgem, apresentando por isso uma dinâmica familiar solta e mutável. Assim, se nas famílias de lavradores há pouca tolerância para o imprevisto, encorajando-se a permanência dos seus membros na casa, em torno de um projeto familiar (agrícola) a longo prazo; nas famílias de camponeses pobres já encontramos fluxos e refluxos dos seus membros entre diferentes agregados familiares ou situações profissionais, em determinados momentos do ciclo de vida (como a infância, o casamento); e nas famílias de jornaleiros os laços familiares e percursos profissionais são mais aleatórios, não visando a mobilidade social dos seus membros, e as distâncias a serem percorridas em busca de oportunidades de trabalho são maiores.

Embora, como refere a autora, não exista necessariamente uma correspondência direta entre estas tipologias de organização familiar e a situação de classe¹², este cenário corresponde num aspeto central à caracterização de Susana Narotzky e Gavin Smith para uma zona a sul de Alicante, em Espanha, designadamente a articulação entre as dinâmicas familiares com a fixação e a mobilidade geográfica e profissional nestes contextos. Em *Lutas imediatas*, os antropólogos identificam duas estratégias diferenciadas de organização das trajetórias de vida, exemplificadas através da oposição de dois grupos particulares característicos da sociedade camponesa: a fixação e dependência, associada ao contrato do tipo “aniaga” (um contrato anual por norma anual entre o proprietário da terra e o trabalhador); e a mobilidade e adaptabilidade, associada ao trabalho ao dia dos jornaleiros. Assim, se o contrato do tipo “aniaga” se traduz particularmente em fortes relações de interdependência e na fixação desses trabalhadores e suas famílias na terra que trabalham e para com o “amo”; já o trabalho à jorna é marcado sobretudo pelo

¹² Karin Wall, *Famílias No Campo: Passado e Presente Em Duas Freguesias No Baixo Minho*, 61 (Lisboa: Dom Quixote, 1998).

movimento e alternância, seja entre diferentes tipos de trabalho, seja a nível geográfico, mediante a migração. Apesar de sublinharem as diferenças entre estes dois grupos, os autores concluem notando que a incerteza é transversal a ambos, contudo lidam com ela de formas diferentes. Os primeiros estabelecendo relações de dependência, e os segundos através da mobilidade constante e acesso a diferentes oportunidades. Contrariamente ao binómio honra-vergonha, comumente associado aos contextos mediterrâneos, os antropólogos referem recorrer aqui a conceitos mais conflituantes, enquadrando-os não como “um sistema de padrões culturais”, mas mais como uma construção histórica¹³. Esta é associada, entre outros, a uma longa história de articulação entre produção agrícola e indústria manufatureira; a coexistência de um misto de radicalismo político e conservadorismo naquele contexto; e a pluriatividade rural¹⁴.

Em Portugal, com as transformações provocadas pela expansão da indústria nas décadas de 1950 e 60 e pela vaga emigração nos anos 1960 e 70, a sociedade camponesa sofre algumas mudanças. A diminuição do número de trabalhadores a tempo inteiro na agricultura (pela transferência de uma parte importante da população ativa para a indústria e desenvolvimento técnico proporcionado, entre outros, pelas remessas da emigração) e o aumento da quantidade de terra disponível (favorecendo nos anos 1970 e 80 a mecanização e a especialização da agricultura, e a reconstrução de casas), levaram a uma reestruturação do setor agrícola, e com ele das formas de organização das famílias e do trabalho¹⁵. Neste quadro, entre as famílias camponesas, a pluriatividade entre a agricultura e a fábrica – mediante a realização (sobretudo por parte dos filhos) da dupla jornada de trabalho – ganha preponderância, diminuindo o número de famílias dedicadas exclusivamente à agricultura¹⁶.

¹³ Susana Narotzky e Gavín Smith, *Immediate Struggles: People, Power, and Place in Rural Spain*, 115 (Berkeley: Univ. of California Press, 2006).

¹⁴ Narotzky e Smith, *Immediate Struggles*, 11, 19.

¹⁵ Wall, *Famílias no Campo*; Pina Cabral, *Filhos de Adão, filhas de Eva*.

¹⁶ Pina Cabral 1989, 84.

APROXIMAÇÃO DE TERRENO E REFLEXÕES EXPLORATÓRIAS: TRAJETÓRIAS LABORAIS E MIGRATÓRIAS NO CONTEXTO DE S. JOÃO DE PONTE

a) Pluriatividade: dupla jornada e relação com a terra

A realização do inquérito no Centro de Dia em Campelos¹⁷ revelou a presença de uma parte importante de utentes que nunca trabalharam na fábrica (9 pessoas, num total de 15 inquiridos, tabela 1). Trata-se de pessoas oriundas de famílias camponesas e que trabalharam elas próprias neste setor a maior parte da sua vida, ou a servir em restaurantes e/ou casas particulares; e provenientes também de famílias ligadas ao comércio, que trabalharam elas próprias sempre nesta atividade (tabela 1).

N.º de utentes	Atividade profissional principal (por setor de atividade)	Outras atividades	Sector de atividade dos pais
6	Indústria têxtil e/ou confeção	Serviços (3), Agricultura e serviços (1), NA (2)	Indústria e serviços ("doméstica" ou empregadas em casa de particulares) (5) ¹⁸
5	Agricultura	Serviços (2), NA (2)	Agricultura (4)
2	Serviços (comércio)	Confeção (costura) por conta própria (1), NA (1)	Serviços (comércio) (2)
2	Serviços (empregadas em casas particulares ou restauração)	NA (2)	Agricultura (1), NS/NR (2)

NA – Não aplicável

Tabela 1. Principal atividade profissional dos utentes (em janeiro de 2018).

A fábrica era, contudo, uma realidade presente para as famílias de agricultores, como se constata no relato de uma das utentes:

¹⁷ Entre os 22 utentes do Centro à data do inquérito, foi possível contactar 15, maioritariamente residentes na freguesia de S. João de Ponte (9, dos quais 6 em Campelos) ou em freguesias vizinhas. Trata-se, quase na totalidade, de pessoas do sexo feminino (14 pessoas), com idades compreendidas, à data, entre 68 e 89 anos, sendo a idade média de 79 anos, maioritariamente naturais de S. João de Ponte ou de freguesias vizinhas (11 pessoas), sendo os restantes de outras freguesias do concelho.

¹⁸ Uma das utentes não se lembrava da profissão dos pais, tendo vivido com a madrinha; e uma desconhecia a profissão do pai, tendo-se considerado neste caso apenas a profissão da mãe.

Olhe, eu comecei a vender cedo, de S. João até Campelos, conhece? Ia vender a Campelos. Punha lá à frente do portão da fábrica as coisas, e o povo como precisava ia lá comprar. Fazia de conta que era uma feira. [Vendia o quê?] Era, se tivesse que fazer uns alqueirões, feijões secos, aos meios quartos. E então levava verduras, das que tivesse, pronto e passava assim. (...) Eu vendia leite de manhã, todos os dias, porta-a-porta. Começava em Ponte, ia até Campelos vender o leite¹⁹.

A fábrica é referida também, nos inquéritos, como forma de acesso a dinheiro, mediante o salário. No terreno em estudo, o único informante com quem contactei até ao momento que acumulou, de forma continuada ao longo da vida, o trabalho na agricultura e na fábrica, pertence a uma família de lavradores. Oriundo de S. João de Ponte e residente em Roubaix, onde vende produtos hortícolas desde os anos 1980, refere numa manhã de mercado em Roubaix, uma conversa que teve com o pai:

Mas eu quero seguir uma arte! (...) [O meu pai] não queria que eu fosse para o emprego, para arranjar trabalho. (...) eu quero ter dinheiro para as minhas borgas, e nós naquele tempo não tínhamos. (...) Segui a trabalhar, e disse ao meu pai, um dia que eu pense em casar é isso que vou seguir. Sigo a fábrica e faço a propriedade. E segui²⁰.

Isto tornou-se particularmente contrastante com as trajetórias das famílias operárias com que vinha a contactar, nas imediações da antiga Companhia, onde a fábrica se apresenta, de forma geral, como uma realidade presente desde há várias gerações (ascendendo frequentemente aos avós dos informantes), a par da emigração. Entre os 6 utentes do Centro de Dia que trabalharam a maior parte da sua vida ativa em fábricas têxteis ou na confeção, 4 tiveram pelo menos um dos pais a trabalhar na antiga Companhia, em Campelos, tendo eles próprios trabalhado, a dada altura do seu percurso profissional ou numa parte significativa deste, naquele lugar.

O trabalho na fábrica sucedia frequentemente de pais para filhos, mediante a ativação de laços familiares e vicinais, e relações de interdependência – que se constituem como um dos traços marcantes das relações de trabalho agrícola, fortemente hierarquizadas²¹. O imaginário rural encontra-se presente ao longo dos relatos

¹⁹ Entrevista realizada a 3 de janeiro de 2018 para o levantamento de utentes do Centro de Dia do Centro Social e Recreativo de Campelos, em S. João de Ponte.

²⁰ Entrevista realizada a 30 de abril de 2018, no mercado da Rue Rubens, em Roubaix (França).

²¹ Ver Narotzky e Smith, *Immediate Struggles*.

de antigos operários, surgindo no contacto mais aprofundado com os informantes (em entrevistas de histórias de vida) referências ao rio, onde era lavada a roupa, às vindimas, ou à feira das Taipas, bem como o recurso a expressões associadas ao regime feudal, como por exemplo “fidalgos”.

Contudo, o trabalho na agricultura parece revelar-se como uma realidade distante entre as famílias de operários. De uma forma geral, a relação com a terra é associada à horta, visando o consumo próprio e ou para dar a familiares e vizinhos. No inquérito realizado no Centro de Dia, apenas uma das 15 pessoas inquiridas, uma antiga operária, indicou nunca ter trabalhado a terra ou criado animais, mesmo para consumo próprio. Todos os outros utentes indicaram ter alguma relação com a terra, contudo entre antigos operários este não parece ser um aspeto valorizado no relato dos seus percursos de vida, não sendo enquadrada como trabalho, referido frequentemente apenas mediante uma pergunta direta.

Já no caso das pessoas cuja atividade principal era a agricultura, a relação com a terra e criação de animais é associada expressamente, e desde cedo nos relatos, como parte do seu trabalho e vida familiar. É também apenas entre as pessoas que trabalharam na agricultura que os produtos da terra e a criação de animais e derivados surge associada não só ao trabalho agrícola (no caso do gado, por exemplo), mas também como forma de rendimento, através da venda de ovos, leite, vitelos. Neste caso trabalha-se na lavoura, numa “quinta”, adquirindo a terra e os animais, além da função de subsistência (remetida para os produtos hortícolas e animais de pequeno porte, como galinhas ou coelhos), um caráter utilitário ligado ao trabalho.

Temos então, num primeiro olhar, dois mundos (agricultura e fábrica) que, na esfera do trabalho, se parecem excluir, mas que na realidade quotidiana e no imaginário dos entrevistados se encontram, contudo, presentes. No caso das famílias de agricultores, a fábrica surge, entre outros, como possibilidade de acesso a dinheiro mediante um salário, parecendo constituir-se, contudo, como realidade de difícil acesso. Integra, contudo, a vivência familiar, como complemento de rendimento, por exemplo, mediante a venda de produtos nas imediações da fábrica. No caso das famílias operárias, a relação com a terra e com o mundo rural surge associada, por exemplo, à ideia de subsistência e dádiva de produtos do “quintal”, ou à vivência quotidiana associada ao rio, e à centralidade atribuída ao espaço da Casa, enquanto objetivo principal dos seus percursos profissionais e migratórios.

b) Especialização/adaptabilidade profissional

A maioria dos inquiridos trabalhou, durante a maior parte da sua vida ativa, num mesmo setor, frequentemente na mesma atividade dos pais. Refere a mesma utente, anteriormente citada:

Eu trabalhei na terra, desde pequeninha. Ainda não tinha 7 anos e já pegava num alvião para escavar terra. Para semear batatas com os meus pais. Lembra-me tão bem como se fosse hoje. Sabe? Com 7 anos. E até esta data foi sempre terra. Não conheci outra coisa.

Contudo, ao longo da sua vida ativa, muitos trabalharam também noutros setores de atividade (8 de 15 pessoas, tabela 1). Frequentemente, as pessoas cujo trabalho principal foi a agricultura ou a indústria, trabalharam também nos serviços (na limpeza, a “servir”, a distribuir pão). Apenas uma pessoa, cuja atividade principal esteve ligada ao têxtil, referiu ter trabalhado em criança na agricultura e depois a servir até aos 28 anos, surgindo então o trabalho na fábrica, associado à preocupação com a reforma. À exceção desta, nenhum utente referiu ter trabalhado ao longo da vida na agricultura e na indústria, o que poderá estar relacionado, no caso das famílias camponesas, com a dificuldade em arranjar trabalho na fábrica. É o que refere o mesmo informante do mercado em Roubaix, que acumulou ao longo da vida o trabalho na agricultura e na fábrica:

[A maior parte das pessoas que o senhor conheceu, da fábrica, não trabalhavam na terra?] Não, não. Não há nenhum. Há alguns, mas tudo filhos de lavradores. Tudo, essa classe tem que ser filhos de lavradores, porque senão... [Os que trabalhavam a terra eram filhos de lavradores?] Tem que ser. Porque uma mulher artista não dá para casar com um lavrador. [Porquê] Porque não tem jeito para trabalhar na terra. Depois há problemas, sabe? Eu vou estar sempre a ensinar a mulher. (...) [E esses artistas, quer dizer que os pais já não eram lavradores, não é?] Não, foram sempre criados de filhos de artistas. [Já eram das fábricas?] Da fábrica. Pai emprega os filhos, depois os filhos... depois outro filho, depois com intermédio de outro filho pede para outro noutra fábrica, para outros amigos. E era assim. E depois os lavradores nunca iam [para a fábrica]. Não. Os lavradores, porque é que, os mais deles, não queriam... os ricos não queriam que os lavradores fossem para as fábricas? Porque assim os lavradores eram sempre escravos, era pai e filhos sempre escravos na terra. E não conseguiam arranjar trabalho para a fábrica, mas eu arranjei.

No caso de famílias operárias, o distanciamento em relação ao trabalho na terra reflete-se, por exemplo, no uso do termo “cabaneiros”²² ou “artistas”, por parte de pessoas ligadas à lavoura, para referir, respetivamente, as pessoas que não têm terra, e que vivem exclusivamente do trabalho na fábrica, segundo o mesmo informante:

Então você não sabe o que é uma casa cabaneira? É uma pessoa que só vive lá dentro de casa e não tem nada. Não tem um bocado de terreno para fabricar. São cabanas, não têm... essa gente não tem nada de marrar. (...) têm de comprar tudo. Chamam-se os cabaneiros. (...) E há outros, chamam-lhe artistas, são os que não têm nada, só têm as fábricas. (...) e os lavradores já não é igual, os lavradores já vivem doutra maneira.

Já no caso do trabalho ligado ao espaço doméstico (a “servir”, nas limpezas, a cuidar de crianças, entre outros), as duas utentes inquiridas que tiveram esta atividade como principal mantiveram-se sempre neste setor, nunca tendo trabalhado na agricultura ou na indústria.

Na atenção ao percurso profissional dos utentes do Centro verifica-se também que, apesar da adaptabilidade profissional relacionada com a acumulação de vários trabalhos ao longo da vida, nenhum referiu ter tido dois empregos em simultâneo. Dos 15 utentes contactados, apenas 3 mencionaram ter outros rendimentos além do seu trabalho, duas por conta própria e uma por conta de outrem. Uma trabalhou no comércio e fazia costura para fora, outra trabalhou na agricultura e distribuía pão de manhã, e uma terceira criava e vendia porcos e trabalhava na fábrica.

Mais do que a dupla jornada de trabalho, o que surge recorrentemente, no caso das mulheres, é o trabalho como “criadas de servir” em crianças, antes de entrarem para a fábrica ou alternando o trabalho na agricultura. E, por vezes, conforme notam também Narotzky e Smith para o contexto espanhol²³, na fase final do seu percurso profissional, enquanto empregadas de limpeza em casas particulares, antes da reforma ou mesmo posteriormente:

Depois da escola, com 9 anos, a minha mãe pôs-me a servir. E dali, arranjei para a fábrica e, sabe, a ganhar pouquinho, fui para a fábrica. [Foi para que fábrica?] Fui para uma fábrica de meias. (...) Depois trabalhei lá até arranjar – para melhor, a bem dizer – para os tecidos,

²² Sobre a distinção social entre “cabaneiros” e “lavradores” no nordeste português, ver Paula Godinho, *O Leito e as Margens. Estratégias familiares de renovação e situações liminares em seis aldeias do Alto Trás-os-Montes raiano (1880-1988)* (Lisboa: Edições Colibri, 2006).

²³ Narotzky e Smith, *Immediate Struggles*, 100.

e trabalhei nos tecidos até casar. (...) E depois fui para o Machado da Feira. (...) Trabalhei lá 32 anos. (...) Depois o meu marido morreu, eu fiquei viúva muito nova, com 40 anos, 48 anos. Ainda fui trabalhar para as senhoras, às horas, para os escritórios. [A limpar?] A limpar. Até aos 70 anos. aos 70 anos estava cansada...²⁴.

O caso do comércio parece adquirir, a este nível, alguns contornos particulares. Entre as duas pessoas que trabalharam ao longo de toda a sua vida ativa numa casa de comércio ou drogaria (própria ou dos pais), ambas em Campelos, nenhuma referiu ter saído de casa para “servir”, tendo uma residido neste lugar desde que nasceu (emigrou apenas por alguns anos, para acompanhar o marido) e a outra desde que se casou, sendo natural de uma freguesia vizinha. Surgem, contudo, referências a atividades noutros setores. Uma utente referiu ter feito trabalhos de costura por conta própria, para fora, a par do trabalho no comércio dos pais; a outra utente, além do trabalho na drogaria própria, “ainda fazia um campinho” (que distingue do “quintal” ou “horta”, mais pequeno), mas para consumo próprio e para dar a família e amigos. Os comerciantes ou “vendeiros”, conforme referido localmente, são vistos por alguns informantes como as pessoas que viviam melhor, não só pela disponibilidade e acesso a comida e dinheiro, mas também, por vezes, pelo maior acesso à educação dos filhos.

c) Fixação/mobilidade geográfica

No que concerne às migrações, quase metade dos utentes residiu sempre na freguesia em que nasceu ou em freguesias vizinhas (depois de casar). Trata-se, na quase totalidade, de pessoas cuja atividade principal esteve ligada à agricultura ou à indústria têxtil e/ou confeção, e ainda de uma pessoa ligada ao comércio. Há ainda o caso de duas utentes que viveram sempre em freguesias pertencentes ao concelho de Guimarães e em concelhos vizinhos (Fafe e Braga), cuja atividade principal foi a agricultura. Por outro lado, a mobilidade para outros distritos do país surge sempre ligada ao trabalho de “servir”. É o caso das três utentes do Centro que trabalharam no Porto, Coimbra e Lisboa. Finalmente, entre os 15 inquiridos apenas 4 emigraram, designadamente para França e/ou Alemanha nas décadas de

²⁴ Entrevista realizada a 4 de janeiro de 2018 para o levantamento de utentes do Centro de Dia do Centro Social e Recreativo de Campelos, em S. João de Ponte.

1960 e 70. Uma quinta pessoa não emigrou, mas teve o marido emigrado em França e na Alemanha (tabela 2).

Se entre as famílias operárias, a mobilidade parece realizar-se da freguesia de origem diretamente para o estrangeiro, já a mobilidade interna, para outros distritos do país, surge associada ao trabalho de “servir”, e a mobilidade dentro do concelho de Guimarães ou concelhos limítrofes surge ligada à agricultura, em particular o trabalho em “quintas”:

Foi difícil, foi muito difícil, porque houveram anos que as intempéries davam conta de tudo. (...) E a gente tinha que ter aquela quantia para dar ao senhorio, senão ele punha-nos fora da quinta. E havia muita falta de quintas. Toda a gente... famílias muito numerosas, tinham muitos filhos, e depois os filhos conforme casavam queriam ir para uma quinta, de maneira que não havia quintas para todos²⁵.

Contrariamente ao que vinha constatando no contacto com habitantes na zona envolvente da antiga Companhia, designadamente com antigos operários-migrantes, no Centro de Dia a emigração surgiu no percurso de vida de apenas uma pequena parte dos utentes. À exceção de uma pessoa (que foi servir para Lisboa e emigrou posteriormente para a Alemanha), os utentes que emigraram ou tiveram o marido emigrado residiram sempre, em Portugal, na freguesia em que nasceram, maioritariamente no lugar de Campelos (tabela 2). Trata-se, maioritariamente, de pessoas naturais de S. João de Ponte e residentes naquele lugar (4 em 5), que trabalharam pelo menos durante uma parte importante da sua vida ativa na indústria têxtil e/ou na confeção, ou (no caso de uma pessoa) numa antiga casa de comércio dos pais, em Campelos.

²⁵ Entrevista realizada a 2 de janeiro de 2018 para o levantamento de utentes do Centro de Dia do Centro Social e Recreativo de Campelos, em S. João de Ponte.

Locais de residência dos utentes ao longo da vida	N.º de utentes
Freguesia em que nasceu	5
Freguesia em que nasceu e em freguesias vizinhas, depois de casar	2
Freguesias do concelho de Guimarães e em concelhos vizinhos	2
Noutro distrito do país	2
Noutro distrito do país e no estrangeiro	1
Na freguesia em que nasceram e no estrangeiro	4

Tabela 2. Locais de residência dos utentes (em janeiro de 2018)

Entre as pessoas que trabalharam na agricultura, a emigração é, contudo, uma realidade presente, seja no contexto familiar ou associada à possibilidade de acesso a dinheiro e a uma vida melhor:

Saí da escola com 12 anos, pronto. Saí, estive com os meus pais sempre, sempre nas quintas. (...) Tinha um irmão, mas ele já era homem, queria dinheiro. Não havia dinheiro antigamente, arranjou um amigo foi para a França. Foi para a França, fiquei eu sozinha e mais o pai e a mãe a trabalhar na quinta. Foi sempre o meu trabalho na quinta. Sempre, com o meu pai e com a minha mãe²⁶.

Contudo, no caso das famílias de lavradores, o destino da emigração e o tipo de trabalho são referidos pelo feirante em Roubaix, anteriormente citado, como sendo diferentes, em relação às famílias de operários:

Artistas também vinham [para o estrangeiro], mas menos. Lavradores arranjavam mais, que uns já estavam aqui assim, outros já tinham cá a família, que já tinha vindo mais cedo, e depois iam lá, falavam com este, e então arranjavam os amigos uns aos outros. [E emigraram para onde?] Para Paris. [Não era tanto para Roubaix e Tourcoing?] Aqui sim, vieram muitos, para a têxtil, mas isto tinha... pessoas da têxtil. [Mas quem vinha para a têxtil eram os artistas, é isso?] É, artistas como eu. Eram mais artistas. Não, os lavradores era mais para a construção. Construção é fácil de aprender (...). [Mas então, os lavradores que emigraram iam

²⁶ Entrevista realizada a 4 de janeiro de 2018 para o levantamento de utentes do Centro de Dia do Centro Social e Recreativo de Campelos, em S. João de Ponte.

mais para a zona de Paris, é isso?] Era, mais para Paris. Aqui também vinham, às vezes também iam para a têxtil, com umas cunhinhos e tal, também iam para a têxtil, para umas máquinas mais simples.

As deslocações para outras freguesias do concelho, para outros distritos ou para o estrangeiro são, de uma forma geral, relacionadas com o trabalho e acesso a um salário e uma vida melhor, associado frequentemente à possibilidade de ter casa própria:

Quando casemos, emigrou. Para juntar para a casa. Ajuntou para a casa, comprou uma casa velha... era uma casa velha, antiga, e estivemos lá pouco tempo, mais de um ano. Depois ele juntou para a casa e fez as obras, e esteve lá ainda algum tempo e depois veio-se embora²⁷.

NOTAS FINAIS

Concluindo, olhar para as múltiplas formas de articulação do trabalho e das migrações entre a sociedade camponesa, a partir de obras desenvolvidas em contextos de proximidade com a indústria, permitiu-me compreender de forma mais sistemática a complexidade do mundo camponês e as transformações causadas historicamente pela industrialização e pela urbanização, e pelos processos migratórios, nestes contextos. Permitiu-me também, mediante a articulação destas leituras com um primeiro olhar sobre algum material recolhido no terreno, relacionar dois mundos que até então me apareciam de certa forma como distintos. Indicando, assim, a importância de considerar o mundo camponês (e também o comércio) na compreensão do significado da expressão “melhorar a vida” e da realidade do operariado neste contexto.

De uma forma geral, a imagem predominante do trabalhador no noroeste português parece assentar em parte na figura do pequeno proprietário independente, seguindo uma dinâmica de trabalho a tempo parcial ou pluriactivo, mediante a dupla jornada de trabalho, coincidindo em parte com o que Karin Wall identifica como uma “ilusão” relacionada com a imagem da sociedade camponesa, centrada entre outros na “ideia de uma relação permanente com a terra”²⁸. Contudo, conforme

²⁷ Entrevista realizada a 2 de janeiro de 2018 para o levantamento de utentes do Centro de Dia do Centro Social e Recreativo de Campelos, em S. João de Ponte.

²⁸ Wall, *Famílias no campo*, 16.

constata a socióloga a partir do contexto de Vila Nova de Famalicão, esta imagem parece não corresponder à profunda diversidade e complexidade dos grupos sociais, organizações familiares e formas de relação com a terra no interior da sociedade camponesa no noroeste português. Contrariamente ao que se poderia pensar, a terra surge como fator, não de “homogeneização”, mas de “diferenciação social”, adquirindo, por isso, uma importância central ao nível da ascensão social e melhoria económica das famílias e na ambição dos emigrantes dos anos 1960, associada à aquisição de terra ou criação de um negócio próprio²⁹.

Além disso, no Vale do Ave, o desenvolvimento da indústria desde meados do século XIX introduziu algumas especificidades entre as famílias de operários. Na análise da diversidade de situações familiares e de classe a nível local importa considerar, ainda, o comércio. No caso dos utentes do Centro de Dia de S. João de Ponte, esta diversidade parece traduzir-se em percursos profissionais e migratórios específicos entre estes três grupos principais – camponeses, operários e “vendeiros”. Perante isto, penso que será importante questionar, entre outros: de que forma é que as vivências e subjetividades das famílias operárias no Noroeste português se relacionam ou distinguem da sociedade camponesa?

Procuró, com a presente pesquisa, contribuir para aprofundar o conhecimento sobre o noroeste português, articulando os estudos desenvolvidos em torno da família e das sociedades camponesas com o mundo industrial no Vale do Ave; e considerando as trajetórias profissionais e migratórias não só do ponto de vista dos seus impactos a nível local, mas enquanto fenómeno em si, como experiência em torno da qual se organizam trajetórias profissionais e de vida. Procuró ainda contribuir para o estudo das migrações lusófonas em contexto francês, olhando para um caso particular em relação aos estudos desenvolvidos em torno da região parisiense, de emigração especializada a partir da indústria têxtil.

Por fim, a forma como, em zonas de industrialização difusa como o Vale do Ave, se desafia constantemente visões dualistas ou lineares dos fenómenos sociais – campesinato e operariado, família e classe, rural e urbano – permite chamar a atenção para a importância de articular contextos e temáticas tradicionalmente tratados de forma distinta pela sociologia e antropologia, bem como para a centralidade da História na compreensão deste tipo de processos no tempo longo.

²⁹ Wall, *Famílias no campo*, 33.